

# RESENHA CRÍTICA

## Paulo Meneses e a tradução da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel

José Pinheiro Pertille\*

Um dos mais importantes avanços nos atuais estudos sobre a filosofia hegeliana foi assegurar como a base para a sua compreensão a integralidade das próprias obras de Hegel. O que deveria ser algo totalmente normal, tanto na filosofia quanto nas ciências humanas em geral, a saber, tomar o que um autor escreveu como o fundamento para a inteligibilidade de seu pensamento, não foi o que muitas vezes se observou no caso hegeliano. Pelo contrário, neste âmbito, várias posições, de diferentes matizes, se formaram exclusivamente a partir das opiniões difundidas por comentadores, sem o contato direto com os próprios textos hegelianos. Ou então, a partir de uma leitura parcial advinda de excertos das fontes primárias, apresentados em seletas ou na forma escolar de apostilas, que podem comprometer o sentido original dessas partes na medida em que sua plena inteligibilidade (enquanto partes de um sistema) só pode ser alcançada no contexto de seu todo maior. Ou ainda, em torno de traduções indiretas, de segunda mão, feitas a partir de outras traduções, o que é mortal para um sistema de pensamento baseado em uma sólida delimitação de conceitos, cujos parâmetros somente podem ser visualizados e seguidos a partir dos registros em sua língua original.

Dentro desse quadro, a tradução direta e completa da *Fenomenologia do Espírito* feita pelo professor Paulo Meneses constituiu um verdadeiro marco na história da recepção e da divulgação da filosofia de Hegel, ao fornecer ao leitor de língua portuguesa um acesso de excelente nível a essa obra fundamental da própria “história da humanidade”. Nesse sentido, P. Meneses ombreia-se aos outros grandes tradutores desse texto, tais como J. B. Baillie (1910) e A. V. Miller (1977) para o inglês, J. Hyppolite (1939/1941), J.-P. Lefebvre (1991), G. Jarczyk e P.-J. Labarrière (1993), e B. Bourgeois (2006) para o francês, E. de Negri (1933) para o italiano e W. Roces (1964) para o espanhol (sobre as edições alemãs e as traduções das obras de Hegel entre 1802 e

1991, cf. Kurt Steinhauer, *Hegel Bibliographie. Materialien zur Geschichte der internationalen Hegel-Rezeption und zur Philosophie-Geschichte*. K. G. Saur: München, 2 partes, 1980/1998).

Como é sabido, a *Fenomenologia do Espírito* é o livro na qual Hegel apresenta o seu sistema filosófico nos seus traços estruturantes, seja como a sua “primeira parte”, seja como uma “introdução” ao sistema. Ela é o produto de toda uma elaboração presente em seus estudos anteriores (cujo acesso hoje nos é possível pelas diversas edições de seus manuscritos) e nos textos antes dela publicados (textos críticos, nos quais o autor passa em revista as produções filosóficas contemporâneas), e que por si só o faria tomar parte na seleta galeria dos grandes filósofos do Idealismo Alemão. Em uma época na qual a filosofia de ponta era produzida nas universidades e dirigida para um público mais amplo que acompanhava atento as polêmicas então suscitadas, os mais importantes modos de apresentação das reflexões filosóficas eram os debates travados nas páginas das revistas e dos jornais filosóficos e os “sistemas” publicados em livros nos quais se procuravam demonstrar os verdadeiros princípios do conhecimento e da ação. Nesse contexto, a “ciência da experiência da consciência” proposta por Hegel destaca-se por seu original ponto de vista “especulativo” (ou, de maneira mais geral, “dialético”), isto é, pela proposta de substituição da pretensão de apresentar o “ser” do saber por uma perspectiva de detectar os princípios da constituição do “vir-a-ser” desse saber. “O que esta ‘*Fenomenologia do Espírito*’ apresenta é o vir-a-ser da *ciência em geral* ou do *saber*” (FE, § 27, p. 40). Em outras palavras, ao invés de postular o estabelecimento definitivo pela filosofia de alguma teoria que fosse verdadeiramente científica por exclusão de todas as outras, o que de certo modo sempre foi a pretensão contraditória de todas as doutrinas, a “Fenomenologia” mostra o ângulo da totalização de um processo no qual a verdade na filosofia e na ciência se constitui paulatinamente através do processo de sua própria “formação” ao longo de uma história sempre pressuposta e reposta.

A primeira edição da *Fenomenologia* apareceu no início de abril de 1807, publicada pelo editor Joseph Anton Goebhardt, sediado em Bamberg e Wurtzburg, e teve a sua apresentação feita pelo próprio autor publicada no *Jornal Literário de Jena* em 28 de outubro daquele mesmo ano, em termos nos quais transparece com clareza

---

\* Professor do Programa em Pós-Graduação em filosofia da UFRGS. Email: jose.pertille@terra.com.br

esse traço específico que lhe assegura seu perene vigor e constante atualidade: “Este volume expõe o devir do saber. A *Fenomenologia do Espírito* deve substituir-se às explicações psicológicas ou às discussões mais abstratas sobre a fundamentação do saber. Ela trata da preparação à ciência de um ponto de vista que a torna uma ciência nova e interessante, e a primeira ciência da filosofia. Capta as diversas figuras do espírito como estações do caminho através do qual ele se torna puro saber ou espírito absoluto.”

Como captar essas figuras, de que modo conhecer esse caminho e suas estações a não ser pelo acesso direto ao texto? Para o nosso caso da língua portuguesa, o primeiro passo é assim aquele mesmo “do rigor na ciência” de Borges, segundo o qual os colégios de cartógrafos terminaram por levantar um mapa do império que tinha o tamanho do império, e coincidia ponto por ponto com ele! Nesse processo de traçar o mapa da *Fenomenologia* em português que coincida com o original em alemão, o trabalho de Paulo Meneses foi precedido pela notável tradução de Henrique de Lima Vaz, presente nas diversas edições de *Os Pensadores* (primeira delas em 1973), na qual se encontram o Prefácio, a Introdução, e os dois primeiros capítulos, sobre a Certeza Sensível e sobre a Percepção. Por sua vez, as primeiras edições da tradução de Paulo Meneses, entre 1992 e 2001, apareceram em dois volumes (em 2001, 6ª edição da parte 1, e 5ª edição da parte 2) assim como as versões de Hyppolite e Negri. A primeira edição em volume único surgiu em 2002, revista e corrigida, e hoje ele já está em sua quinta edição (2008). Um exemplo dos aprimoramentos contidos no volume único aparece na parte referente à Moralidade, onde se substitui a ainda que correta noção de “cosmovisão moral” pela expressão filosoficamente bem mais coloquial de “visão moral do mundo”. Em seu trabalho de tradução, o professor Paulo utilizou como base a edição alemã organizada por Hans-Friedrich Wessels e Heinrich Clairmont (Felix Meiner, *Philosophische Bibliothek*, 1987), realizada de acordo com o texto estabelecido pelo volume 9 da *Hegel Gesammelte Werke* (organizado por Wolfgang Bonsiepen e Reinhardt Heede, Felix Meiner, 1988), se valendo também da edição de Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel estabelecida a partir da *Werke* de 1832-1845 (Suhrkamp, 1984); acrescentemos que essa última edição é também disponível em CD-ROM, e, portanto, disponibilizando recursos tais como o da pesquisa lexical (Hegel-Institut, Talpa Verlag, 2000). Como instrumento houve o cotejo com as edições

francesas de Jean Hyppolite (2 volumes, Aubier, Editions Montaigne, Paris, 1939/1941), de Lefebvre e de Labarrière/Jarczyk, a italiana de Enrico de Negri (2 volumes, La Nuova Italia, Florença, 1973), a espanhola de Wenceslao Roces (Fondo de Cultura Económica, México, 1966), a e inglesa de A. V. Miller (Oxford University Press, 1977). Assim como nessa edição de Miller foi acrescentado ao texto original a numeração dos parágrafos, o que é sem dúvida um poderoso facilitador para as referências de passagens na obra. Além disso, a presença das primeiras palavras de cada parágrafo em alemão igualmente favorece a mais rápida localização no caso de uma leitura comparativa com o texto alemão.

Quanto às opções terminológicas de tradução, as principais discussões são apontadas na “Nota do Tradutor” na abertura da edição (p. 9-11), e envolvem centralmente as opções de traduzir *Aufhebung* como *suprassunção*, *Äusserung* como *exteriorização*, *Entäusserung* como *extrusão* e *seiende* como *essente*. Ainda que pudéssemos argumentar contrapondo a essas alternativas as vantagens dos termos *suspensão*, *externação*, *exteriorização* e *sendo*, respectivamente, o essencial é não discutir apenas por palavras. O fato é que uma vez feitas as escolhas, o mais importante se torna fazer com que elas se mantenham sempre constantes, e que as discussões daí advindas sejam feitas sobre os sentidos dos conceitos, visando sempre a maior inteligibilidade daquilo que Hegel neles deposita. Além disso, é importante ressaltar que é também de Paulo Meneses a tradução da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (Loyola, 1995 e 1997), e ter em mente que essas opções terminológicas estão igualmente ali presentes.

Por outro lado, se a tradução parcial de Henrique de Lima Vaz possui notas de rodapé muito esclarecedoras, e se a tradução de A. V. Miller contém as significativas observações de J. N. Findlay postas ao final, é preciso reconhecer que as poucas notas contidas na edição de Paulo Meneses reportam-se apenas a questões técnicas específicas de tradução. Contudo, como “Apresentação” à tradução encontramos (p. 13-24) “A significação da Fenomenologia do Espírito” de Lima Vaz, parte de um artigo já clássico na literatura filosófica hegeliana brasileira, “O senhor e o escravo: uma parábola da filosofia ocidental”, publicado na Revista Síntese, nº 21. Além disso, nesse momento cabe também destacar as atividades de Paulo Meneses não somente como tradutor, mas também como comentador de Hegel. Inicialmente, na elaboração de seu Roteiro de

Leitura “Para ler a Fenomenologia do Espírito”, primeira edição em 1985. De um modo geral pode-se perceber no primeiro plano desse Roteiro, tal como o seu título sugere, a ascendência da paráfrase (em seu sentido literário: interpretação ou explicação de um texto que visa torná-lo mais inteligível, cf. *Dicionário Houaiss*), e isso é bastante útil para a localização e para o esclarecimento do leitor na compreensão das estruturas principais da obra e nos desdobramentos de suas articulações fundamentais. Mas, principalmente, são os seus diversos artigos publicados em revistas especializadas, tal como “Hegel como mestre de pensar” (Revista *Síntese* vol. 23, nº 73, 1996, p.149-158), e os seus livros *Hegel e a Fenomenologia do Espírito* (Coleção Filosofia Passo-a-passo, RJ: Jorge Zahar Editor, 2003) e *Abordagens hegelianas* (RJ: Vieira e Lent, 2006) que melhor revelam a excepcional capacidade explicativa do professor Paulo Meneses. Neles são mostradas as linhas gerais e os momentos específicos da filosofia hegeliana em um discurso que alia o rigor acadêmico e o uso sistemático dos conceitos, necessários a qualquer exposição filosófica e especialmente sobre a hegeliana, à clareza sobre os pontos que estão sendo tratados em nome da plausibilidade dos argumentos utilizados, fundamentais para uma reflexão interessante e ampla, sem ser hermética e nem chata. Em um futuro próximo, quando for publicada a obra coletiva de comentários sobre a *Fenomenologia do Espírito* patrocinada pelo GT Hegel e pela Sociedade Hegel Brasileira, teremos a satisfação de poder ler mais uma palavra do professor Paulo Meneses ao fazer ele a apresentação dessa obra.

Por essas razões podemos afirmar que temos hoje em nosso vernáculo uma tradução de excelente nível, fidedigna ao texto original, com extrema exatidão e grande clareza, capaz de dar conta plenamente desse texto de uma “alta voltagem semântica”. Desse modo, com as traduções da *Fenomenologia* e da *Enciclopédia* realizadas por Paulo Meneses, e com a iminente publicação da tradução completa e comentada da *Filosofia do Direito* por Marcos Müller, estaremos contando com excelentes edições de três das principais obras de Hegel, o que só faz aumentar nossa expectativa pelo surgimento da primeira tradução em língua portuguesa da *Ciência da Lógica*.

José Pinheiro Pertille  
Núcleo de Estudos Hegelianos UFRGS

*Artigo recebido em maio de 2011*  
*Artigo aceito para publicação em junho de 2011*